

# Traduções

**APRESENTAÇÃO**

Claude Dubar

---

**Por Vanilda Paiva**

*E-mail:* [vanilda.paiva@gmail.com](mailto:vanilda.paiva@gmail.com)

Claude Dubar, como sociólogo formado nos anos 60, passou pela Juventude Estudantil Católica e pelo Partido Comunista Francês (CPF) durante 10 anos. Fez seu serviço civil de 2 anos no início dos anos 70 em Beiruth, na Universidade São José, onde ensinou Sociologia e, num país marcado por clivagens confessionais e por clãs familiares, escreveu com S. Nars o livro denominado *As classes sociais no Líbano* (FNSP, 1976), proibido durante muitos anos no país, mas recentemente reeditado. O caso do Líbano é utilizado para demonstrar que conceitos como “classe” e “luta de classe” não funcionam numa situação de intensos conflitos confessionais, e indica mudanças necessárias a uma teoria nova e mais adequada. Ele utiliza o conceito de “identidade de classe” que, mais tarde, será totalmente abandonado em favor do conceito de “forma identitária”. Em 1978, cria, com J.R. Tréanon, em Lille, o Laboratório de Sociologia do Trabalho, Educação e Emprego (LASTREE).

Estudou a cultura dos mineiros de carvão na Bacia de Pas de Calais. Em 1980, publicou o livro intitulado *Formação permanente e contradições sociais* (Ed. Sociales), que se encontra na sua 5ª edição. O acesso ao emprego é marcado por uma dupla desigualdade: são beneficiados os mais diplomados e os já integrados em estruturas de grande porte; os empresários a instrumentalizam para a adaptação dos empregados às mudanças. Uma pesquisa sobre a trajetória dos jovens em situação de fracasso escolar conduziu à obra *A outra juventude. Os jovens sem diploma num dispositivo de socialização* (Press Univ. Lille, 1987), que ressalta a pluralidade de estratégias. Na pesquisa sobre os Centros de Produção Nuclear, aparecem quatro lógicas de ação que, com base em pesquisas posteriores realizadas em seis grandes empresas privadas em mutação rápida, serão reinterpretadas como “formas identitárias”: identidade de executor estável ameaçado, identidade de responsável pela promoção interna, identidade bloqueada, identidade autônoma e incerta. A terceira parte da publicação, *A Socializa-*

ção (Armand Colin, 1991; Martins Fontes, 2002), se apoia sobre tais pesquisas e o livro recebeu tal título porque a identidade é concebida como resultado do processo de socialização que ela supõe. Ele se apropria dos conceitos de socialização-identidade fora do esquema funcionalista, apoiando-se em Goffman e em A. Strauss. Distinguindo a identidade “para o outro” (atribuída socialmente) e a identidade “para si mesmo” (a que ele se atribui), ele ressalta tentativa de seus portadores de reduzir as tensões decorrentes, elaborando estratégias ou transações identitárias, numa dupla transação.

Em 1998, ele publica, com Pierre Tripier, o livro *Sociologia das profissões* (Armand Colin, 2005, 2. ed.) que praticamente gera um campo de investigações na França que não cessa de se ampliar. Também com Tripier ele funda, na Universidade de Versailles – St. Quentin, em Yvelines, o Laboratório Printemps – Professions, Institutions, Temporalités – um dos mais prestigiosos na França e que mantém convênio com o CEBRAP.

Sua obra mais conhecida é *A crise das identidades* (PUF, 2000; UNESP, 2009). A partir de discursos etnográficos, ele distingue quatro formas identitárias: cultural, estatutária, reflexiva e narrativa, que dominam e coexistem em diferentes épocas. A emergência de uma identidade pessoal domina as precedentes, resultando da vitória das relações societárias sobre as ligações comunitárias. Construída através de crises diversas, elas revelam o sujeito a ele mesmo e o obrigam a reinventar-se continuamente.

Através de sua obra, o autor privilegia a pesquisa empírica (Demazière/Dubar, *Analyser les entretiens biographiques. L'exemple des récits d'insertion*, Nathan, 1997; Pres. Univ. Laval, 2004) e relata não apenas aquilo que encontra, mas também as suas dúvidas, suas inflexões na construção e reformulação conceitual que tem como objeto principal a construção identitária dos indivíduos, especialmente na esfera profissional. A pesquisa empírica só tem sentido quando inserida num grande esforço de teorização: nem

acumular dados nem “fazer avançar” teorias pré-estabelecidas, mas obter os ensinamentos gerais que ambos podem oferecer. Um melhor conhecimento do social supõe um trabalho de releitura, de reinterpretação, de revolvimento dos dados que permitam a passagem do descritivo ao compreensivo. Um vai-vem entre teoria e campo é o que permite uma teorização prudente e progressiva a partir dos dados empíricos e o seu tratamento em diversos níveis de descrição.

Entre o conflitualismo de Marx, o funcionalismo de Durkheim e Bourdieu, o interacionismo de Goffman e Strauss e o individualismo compreensivo de Weber e Mead – modelos aos quais pode ser associada uma maneira de definir o indivíduo na história da sociologia, Claude Dubar certamente prefere o último, que permite tratar dos “indivíduos plurais”, cujas motivações são diversas, e as identidades cambiantes. Seria possível pensar num *approach* sociológico global, numa teoria geral? Claude Dubar defende uma *démarche* que permita conciliar os diferentes paradigmas, apesar de seus pressupostos axiológicos excludentes. Cada paradigma permitiria oferecer uma luz diferente sobre o objeto estudado, com prioridade para a indução a partir da mais completa e rigorosa descrição empírica e uma boa distância do objeto com um sentido agudo da história visando à produção de teorias, as mais generalizantes possíveis, capazes de repousar sobre interpretações engajadas de ações, de processos modificáveis, de dinâmicas incertas (*Faire de La Sociologie*, Belim, 2006). Não se trata de ecletismo, mas de um *approach* pluralista na Sociologia. Howard Becker, hoje o sociólogo mais citado no mundo em sua resenha do livro acima citado, diz que ele fez

uma série de pesquisas significativas e apresenta a história de uma peregrinação teórica que produziu teorias em todos os níveis possíveis, do micro ao macro, e que ligam a pessoa, a comunidade, a organização, os grupos de trabalho, as gerações, a cultura...e como se pode fazer um

trabalho científico e, ao mesmo tempo, produzir um saber útil à sociedade (COMPTE RENDUES, 2007, p.98).

A Sociologia deve sempre tentar conciliar o ponto de vista estrutural com o ponto de vista biográfico (significações subjetivas). Tentando reconciliar uma abordagem histórica e uma abordagem empírico-compreensiva, seu objetivo é entender a construção identitária dos indivíduos e a dinâmica da qual ela resulta. A identidade pessoal encarna predominantemente a forma societária, mas o desafio é “descrever as experiências a partir de categorias englobantes como as classes sociais ou colocar em evidência as determinações sociais dos agentes, invertendo o ângulo de análise ao partir do indivíduo e de suas representações sem psicologizar excessivamente o trabalho de pesquisa. É vital que os sociólogos falem especialmente dos que se encontram na parte mais desfavorecida da escala social, de modo a permitir às pessoas dotadas de poucos recursos se confrontar com o mercado de trabalho. No entanto, isto não é suficiente. É preciso uma reorientação do conjunto das análises sociológicas em direção às ações coletivas de modo a lhes permitir inverter o processo de individualização negativa numa personalização que repouse sobre uma relação de caráter emancipador.

Seus principais livros encontram-se traduzidos em diversos idiomas.

**Vanilda Paiva**

Professora aposentada da UFRJ e diretora do Instituto de Estudos da Cultura e Educação Continuada (IEC), Rio de Janeiro.

## Referência

BECKER, Howard S. **Comptes rendues**. Chicago: University of Chicago Press, 2007.

Recebido em: 20 de julho de 2009.

Aprovado em: 11 de agosto de 2009.